



**Penso,**

Com teimosia:

A capoeira é brasileira. Posse nacional.

Agarro com dentes

A identidade.

Grande é “pois” o temor

Da perda.

E vem a vida,

Nesse mundo que dá volta

E tira o pouco que tenho,

O orgulho da certeza.

Lá estão,

À beira mar,

Num jogo colonial,

Retintos e audazes,

Dispostos ao riso

E ao risco,  
Meninos que nunca vi: Capoeiras da Palhota.  
Mar Azul,  
Confundindo meu legado,  
Minha brasilidade: Estamos no mundo.  
Somos.  
Universais.  
A arte genuína cá está.  
A cena se desmancha  
E na retina registro o espanto.

O que amo,  
Maliciosa e Andarilha,  
Vaga e Verga corações outros. Apaixona.  
Roda. Berimbau toca Angola.  
Agachada,  
Espreito o outro,  
E assim me espreito,  
Somos um em dois.  
Perco-me.  
E quando  
O coro das crianças  
Rompe minhas cismas,  
Já estou a jogar em pátrio solo.  
Eis-me no Mercado,  
Na Figueira,  
Com a certeza sincera  
Que o que me levou me trouxe,  
E o que me fez capoeira  
Foi estar nesse chão ora de senzala  
Ora de casa grande,  
Mas sempre Brasilis.

*Danusa Meneghello. Maputo.  
19 de Outubro de 2010, noite e meia.*